



Terras  
do Côa

da Malcata ao Reboredo

os valores do Côa

## **Ficha Técnica**

### *Título*

Terras do Côa / da Malcata ao Reboredo  
Os Valores do Côa

### *Promotor e Editor*

Estrela-Côa – Agência de Desenvolvimento Territorial da Guarda

### *Concepção e Coordenação*

Parque Arqueológico Vale do Côa

### *Fotografia e Secretariado*

Centro Nacional de Arte Rupestre

### *Edição co-financiada por*

Programa de Desenvolvimento Integrado do Vale do Côa (PROCÔA)  
Promoção do Potencial de Desenvolvimento Regional (PPDR)

### *Design Gráfico*

José Luís Madeira

### *Execução*

SerSilito - Empresa Gráfica, Lda./Maia

### *Tiragem*

1500 exemplares

### *Depósito legal*

124831/98

### *ISBN*

972-97832-0-9

1998

### *Fotografia da capa*

Gravura rupestre de 1944, Foz do Rego da Vide, Vale do Côa (CNART)

## Terras do Côa Da Malcata ao Reboredo

### COORDENAÇÃO:

Alexandra Cerveira Pinto S. Lima

### FOTOGRAFIA:

Manuel Almeida

### AUTORES:

ALEXANDRA CERVEIRA PINTO S. LIMA

Mestre em Arqueologia (Instituto de Conservação da Natureza, colaboradora do Parque Arqueológico Vale do Côa)

ANA MARGARIDA CARVALHEIRA

Mestre em História de Arte

ANTÓNIO FAUSTINO DE CARVALHO

Mestre em Pré-História e Arqueologia (Parque Arqueológico Vale do Côa)

ANTÓNIO MARTINHO BAPTISTA

Arqueólogo (Director do Centro Nacional de Arte Rupestre)

FERNANDO MAIA PINTO

Arquitecto (Director do Parque Arqueológico Vale do Côa)

FRANCISCO SANDE LEMOS

Doutorado em Pré-história e História da Antiguidade (Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho)

GASPAR MARTINS PEREIRA

Doutorado em História Contemporânea (Professor da Faculdade de Letras da Universidade do Porto; coordenador do Grupo de Estudos Históricos da Viticultura Duriense e do Vinho do Porto - GEHVID)

GONÇALVES GUIMARÃES

Mestre em Arqueologia (Director da Casa Municipal de Cultura/Solar Condes de Resende, V.N.Gaia; assistente convidado da Universidade Portucalense Infante D. Henrique)

HELOÍSA SANTOS

Arqueóloga (investigadora do GEHVID)

ISABEL ALEXANDRA LOPES

Arqueóloga (Casa do Infante/Câmara Municipal do Porto; investigadora do GEHVID)

ISABEL MARIA FERNANDES

Bolseira de Doutoramento do Praxis XXI / Universidade do Minho

JORGE ARGÜELLO

Doutorado em História (pela Univ. de Oviedo) e bolseiro de pós-Doutoramento da *Fundación para el Fomento de la Investigación Científica Aplicada y Técnica del Principado de Asturias*

JORGE FORTUNA

Ecólogo (colaborador do Gabinete Municipal de Arqueologia e História da Câmara Municipal de Matosinhos)

LAURA CASTRO

Mestre em História de Arte (Departamento de Museus e Património da Câmara Municipal do Porto)

MARCOS OSÓRIO

Arqueólogo (Câmara Municipal do Sabugal)

MIGUEL AREOSA RODRIGUES

Mestre em Arqueologia (Instituto Português do Património Arquitectónico/Porto; investigador do GEHVID)

PAULA BARREIRA ABRANCHES

Arqueóloga (investigadora do GEHVID)

PAULO DORDIO

Mestre em Arqueologia (Casa do Infante/Câmara Municipal do Porto; investigador do GEHVID)

RICARDO TEIXEIRA

Mestre em Arqueologia (Casa do Infante/Câmara Municipal do Porto; investigador do GEHVID)

SUSANA COSME

Arqueóloga (Casa do Infante/Câmara Municipal do Porto; investigadora do GEHVID)

SUZANA FARO

Pós-Graduada em Museologia (Responsável pelo Museu da Indústria Têxtil, Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão)

THIERRY AUBRY

Doutorado em Arqueologia (pela Univ. de Bordéus) (Parque Arqueológico Vale do Côa)

# Sumário

Introdução	7	CAPÍTULO III	
CAPÍTULO I		CONSTRUÇÃO E ESPAÇO SAGRADO:	
CENTROS DE POVOAMENTO:		UM PERCURSO PELA ARQUITECTURA RELIGIOSA	
UM PERCURSO PELAS VILAS MEDIEVAIS		Património Religioso Edificado e Arte Sacra.	
Notas de viagem pelas vilas do Riba Côa e algumas vilas no Riba Douro	15	Registo de ocorrências discretas	103
I – Quatro antigas vilas que guardavam o Douro:		<i>O Mosteiro Cisterciense de Santa Maria de Aguiar</i>	117
Freixo de Espada à Cinta, Mós, Urros e Alva	15		
II – No final do século XIII a aldeia de Torre de Moncorvo		CAPÍTULO IV	
substituiu a vila de Santa Cruz da Vilarça	18	SABERES TRADICIONAIS: O BARRO, O FERRO E A SEDA	
III – Vila nova do rei D. Dinis na foz do rio Côa	22	A Olaria	135
IV – Vila Velha de Numão - Um projecto de investigação		– A olaria de Felgar / Larinho	136
arqueológica em curso	24	– A olaria de Santa Comba / Barreira	137
V – Três Comendas Velhas da Ordem de Cristo:		A Olaria de Malhada Sorda	141
Longroiva, Muxagata e Meda	30	O trabalho do ferro	144
VI – Da «cidade» romana dos Aravi à vila medieval e moderna		Olhares sobre a seda nas terras do Côa	151
de Marialva	32		
VII – Da <i>penela</i> alto medieval de «Moraria» à vila fortificada		CAPÍTULO V	
de Moreira de Rei	36	TERRAS DO CÔA: DOMINANDO A PAISAGEM	
VIII – A vila de Trancoso onde D. Dinis festejou as bodas do casamento		Património Natural do Vale do Côa: uma abordagem	163
com D. Isabel de Aragão	38	Senhora do Castelo de Urros	166
IX – Castelo Melhor e Almendra: duas vilas do reino de Leão		Senhora do Castelo da Adeganha	168
que passaram a ser uma só no Reino de Portugal	41	Senhora dos Montes Ermos	170
X – A vila leonesa de Castelo Rodrigo, a vila portuguesa de Pinhel		Marialva	173
e o passo do Côa na Ponte Velha	43	Sabugal Velho	174
XI – A vila medieval de Almeida sob a praça militar de fronteira		Caria Talaia	176
dos séculos XVII e XVIII	51	Sortelha	178
XII – A vila leonesa de Castelo Bom, a vila portuguesa de			
Castelo Mendo e o passo do Côa no Porto de S. Miguel	55	CAPÍTULO VI	
XIII – Duas pontes do Côa no caminho entre três vilas leonesas		TERRAS DO BAIXO CÔA:	
e duas vilas portuguesas	59	PERCURSOS DA INVESTIGAÇÃO ARQUEOLÓGICA	
		As gravuras, a beleza e a liberdade	183
CAPÍTULO II		O povoamento paleolítico da bacia do baixo Côa	184
O APROVEITAMENTO DE RECURSOS E A CONSTRUÇÃO		Do fim do Paleolítico à aquisição da Escrita no Baixo Côa	190
DA PAISAGEM: UM PERCURSO PELAS QUINTAS		A arte do Côa e Alto Douro e o Centro Nacional de Arte	
Apontamentos sobre a Vinha e o Vinho no Douro Superior	77	Rupestre (CNART)	196
O Côa, as quintas e o povoamento romano subjacente	85	Ler na Paisagem Contemporânea Paisagens Medievais e Modernas	202
– As Quintas	85	Das Escavações arqueológicas ao Museu de Sítio da Ervamoira:	
– Quintas, <i>villae</i> e povoamento em época romana	87	um programa global de investigação multidisciplinar	205
– Outras modalidades do povoamento romano	90	Projecto de Investigação Arqueológica do Território do Monte	
– Percursos	92	do Castelo (Almendra)	209



## Capítulo V

Terras do Côa:  
dominando a paisagem

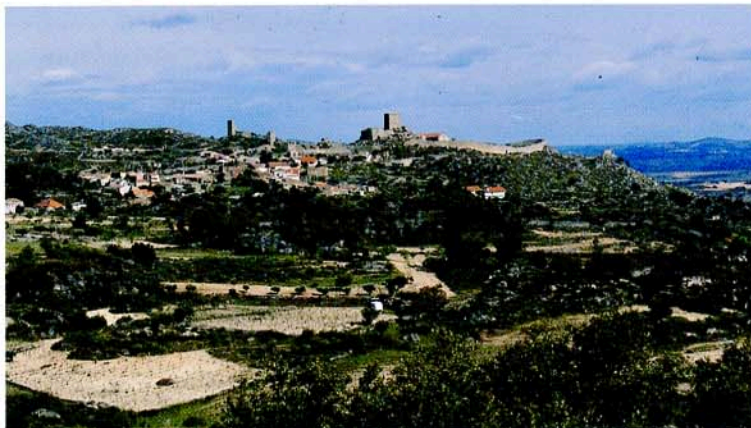
**Francisco Sande Lemos  
Jorge Fortuna  
Paulo Dordio  
Marcos Osório**

## MARIALVA

Guarda, Meda, Marialva

Marialva, hoje uma aldeia e freguesia do concelho de Meda, tem uma história de povoamento multiseccular, com uma importante ocupação datável de época romana. Terá tido depois um castelo roqueiro a que se veio sobrepor a Vila fortificada da baixa Idade Média.

A meia encosta, sobranceiro à Veiga, um afloramento granítico destacado serviu nesta época para o assentamento de um pequeno castelo, com cerca e torre de menagem. No sopé deste penedo, para o lado sul, localiza-se a igreja de Santiago, uma das três referenciadas no *Catálogo das Igrejas* de 1320-21. Junto do castelo, a nascente, estruturou-se um largo onde se situam as ruínas da Casa da Câmara e Cadeia, com o pelourinho e o poço da cisterna defronte. O muro de cerca, de contorno irregular e obrigado a vencer acentuados desníveis, delimitava todo este espaço que se organizará segundo três ruas provenientes das três portas da cerca e que confluíam para aquele largo central. No exterior da cerca, para a parte Norte, localizavam-se as outras duas igrejas referidas no *Catálogo*. Entre estes dois templos desenvolveu-se entretanto um arrabalde com muitas casas ostentando cantarias do século XVI. Para o outro lado, no sopé do monte, onde se situava o terreno deveso do concelho e onde tinha sido o sítio antigo da cidade romana dos *Aravi*, transferiu-se em época moderna a feira mensal o que atraiu a população e conduziu ao desenvolvimento de uma aldeia enquanto se despovoava a Vila baixo-medieval na encosta.



Paulo Dordio

Uma linha longitudinal, a da Ribeira de Marialva, divide o território em duas partes distintas: para norte, apresenta-se a zona de maior relevo, granítica, em cujas vertentes menos expostas se fixaram densas manchas de sobreiro; para sul estende-se uma vasta veiga, alvo de intenso aproveitamento agrícola.

Nas muralhas desta vila fantasma, um melro azul (*Monticola solitarius*) chama a nossa atenção com o seu canto melancólico.

Tendo por pano de fundo a Serra da Marofa, um rebanho de ovelhas, à guarda de um pastor com a idade dos montes nos quais os animais procuram o fraco sustento completa este quadro, de um bucolismo quase opressivo.

Jorge Fortuna

